

17/6/78

33 X

Meu caro Milton, tua carta de 7/6 estava nos esperando quando voltamos de longa viagem pelo norte, (Belgica, Inglaterra, Renânia), portanto pela germanicidade, e o sopro de amizade que dela emana foi verdadeira ressurreição da neblina fria que você chama de "idealismo" e "liberalismo". Nós os mediterrâneos, (sejamos "portuguezes" ou "judeus"), somos "arquetipicamente" incapazes de respirar o ar das profundezas florestais, (as quais de vez em quando explodem em incêndios florestais do tipo luteranismo ou cromwellismo cuje clima me foi dado sorver em Bath e St. Alban's). Antes de responder a tua carta, (a qual não apenas respira amizade, mas toda a tua personalidade que não é menos "agressiva" que a judia de acôrdo contigo), note o nosso novo endereço pela duração das férias. É a casa daquela senhora de diplomata gaullista que você conheceu em Font Chaude, e na qual estaremos mais isolados da horda dos veraneistas. - Na nossa polémica não estamos brigando, mas os dois procurando orientar-nos em mundo confuso. As raízes do pensar científico, portanto de existir "moderno", nos apaixonam, não por curiosidade teórica apenas, mas porque devemos tentar compreender o ocasos desse existir, (que é o nosso). Aí quero retificar algumas das tuas afirmativas, não por querer polemizar, mas para encontrar um caminho junto contigo: Tua comparação entre Italia e Ibéria me parece falsa. O norte Italiano até inclusive Emilia, (e possivelmente também Toscana), me parece pertencer à "modernidade na tua concepção do termo, e é o sul, (inclusive Roma), que se assemelha levemente à Espanha. A ciência moderna é emiliana, a politica moderna é Maquiavelica e sforziana, e quante à arte, permite dizer isto: ao contrário de que dizes, a Espanha jamais foi renascentista. (Quanto ao Portugal, não creio que ocupou lugar diferente da Catalunha, das Astúrias ou de León antes do barroco, era parte do mosaico ibérico). O que confunde na Espanha precisamente a ausência do renascimento, e sua substituição pelo plateresco Carlos V, tão típico renascentista em Flandres e na Alemanha, não o é nem no Escorial, nem em Granada. O siglo de oro é a negação do renascimento, a passagem do gótico para o barroco, (ambos tão tipicamente espanhóis), se dá diretamente de Isabel até Felipe. De maneira que tua tese que a Espanha está na base da modernidade tanto quanto a Itália por causa do renascimento me parece falsa, e a ausência de renascimento explica a hispanidad, como também a russidade. (Esta a famosa semelhança entre a Rússia e a Espanha) Quanto aos burguezes fundadores da existência moderna, dos quais você diz terem existido em Barcelona, Sevilha e Lisboa: em Barcelona sim, mas a Catalunha foi reprimida. Mas no resto da península os burguezes eram árabes e judeus, e foram queimados, expulsos ou convertidos no século 15. Os cristãos novos deram em místicos e conquistadores, (Tereza e Pizarro), porque não conseguiram entregar-se existencialmente na cristandade, mas não deram em cientistas, (excepção Spinoza, Montessori etc. os quais emigraram para

34 2
landa). De modo que faltava precisamente a burguesia para transformar a Espanha em centro do ocidente. O resto: poder, dinheiro, criatividade, etc estava sobrando, e a Espanha parecia destinada a reger o mundo. A Italia perdeu o centro por ter sido vencida pela Espanha. Eis minha leitura do nascimento da Modernidade. - Quante ao outro lado da medalha: fim da modernidade, não creio que se possa compreender apenas como o caso da burguesia. Por isto não me dou por satisfeito por análises marxistas. A catástrofe é mais profunda e atinge as razzes mesmas do ocidente. Tua oposição cristão/judeu me parece comoventemente otimista. Na situação atual cristãos e judeus se confundem em oposição à outra coisa. Atualmente o cristianismo não passa de seita judia como no século 2, ou o judaismo não passa de heresia cristã como no século 8. A outra coisa, alheia aos valores judeo-cristãos, nem sequer se dá ao trabalho de querer distinguir entre ambos: mata-os indiscriminadamente, e o sul do Líbano é disto exemplo em miniatura. Creio que o que está acontecendo é não apenas a expulsão do "branco", mas o esvaziamento de seu "burden". Em S. Paulo passou a filme "bybyemonkey"? This is the way the world ends, not with a bang, but a whimper, (cito de cor). Estamos entregando o nosso mundo de mão beijada, porque não mias acreditamos nela. O fato da última aparência ocidental ter sido ~~occidental~~ burguesa nada tem a ver com o nosso caso. O que morre não é o capitalismo, mas aquele mundo do qual os presocraticos e os profetas são os fundadores, e do qual o Cristo é o foco. Nietzsche o dizia melhor que Marx, embora leitura atenta de Marx mostre o mesmo. Pois essa crise tem duas tarefas para nós, que não devem ser confundidas: (1) tentar compreender a decadência do ocidente, ("superação da objetividade", "proxémica", "heurística", "nova esquerda", "hiperrealismo", "brigate rosse", "women's lib", "think small", "sauvez la mer", "nous sommes tous des juifs allemands", "zen", "art sociologique", "counterculture", "cross education" etc. e tal, e (2) tentar compreender o outro lado, ("a banda dos quatro", "Black Muslim", "négritude", "baatismo", "nasserismo", "native son", "roots", "conquering Ishmael", "Mother India", "minami ho!", Amin Dada, Kadafi, e sobre tudo Kamutcha, o antigo Cambodia, etc.). As duas tarefas não se confundem, embora se impliquem, porque o nosso caso não me parece ser resultado de assalto do terceiro mundo, mas pelo contrário o terceiro mundo nos assalta porque estamos em caso. E tais tarefas são diferentes para mim em França, (onde vejo a decadência), e para você em S. Paulo,, (onde você vê o assalto). O que vejo eu é a mentira da esquerda que quer "abrir-se ao terceiro mundo", e o que você vê é a mentira de dizer que a massa cabeleira e favelada é da "mesma sociedade" que a burguesia ocidental que a administra e oprime. Dois aspectos do mesmo processo. Por isto nossas visões se complementam não-dialecticamente, e não por você ser "mau cristão" e eu ser "mau judeu". Seremos amigos em tal conjuntura injeta o sabor de aventura em algo quase insuprtável, não achas? Abraços e saudações, e escreva sobre os teus.